

---

## A TERCEIRA VOZ DA PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO: DRAMATURGIA, TEXTO E ESPAÇO VAZIO

Wagner Batista Pinheiro

Orientador: Prof. Dr. Walder Virgulino de Sousa

O desenvolvimento de uma dramaturgia paralela, defesa de doutorada em janeiro de 2006, da professora Maria de Lourdes Naylor Rocha, no qual participei da elaboração do espetáculo *O Verdugo*, de Hilda Hilst, na penitenciária Lemos Brito, foi o ponto de partida à reflexão para um novo processo de trabalho que abordaria a voz autoral dos internos, rumo a construção cênica e dramática. Após a defesa demos continuidade ao projeto *Teatro na Prisão* que surgiu a partir de um workshop ministrado pelo professor Paul Hitage da Universidade de Londres em 1997 aqui na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro no qual participaram as professoras Maria de Lourdes e Natália Fiche (coordenadoras do projeto) que completa seus 10 anos de vida. O projeto *Teatro na Prisão* é uma experiência pedagógica empenhada na construção dos internos enquanto sujeitos e que, através do teatro, acredita atingir o seu objetivo ao resgatar a cidadania dos detentos da penitenciária Lemos Brito. É o que chamamos, nesta comunicação de *a Voz*. A penitenciária se localizava na Rua Frei Caneca, Centro, Rio de Janeiro, mas que atualmente por decreto da ex-governadora do Estado foi transferida para o Complexo de Bangu onde atuamos uma vez por semana em três unidades: A Lemos Brito (unidade masculina), Casa de Custódia Joaquim Ferreira (unidade feminina) e no DEGASE (unidade de adolescentes). Hoje somos três equipes atuantes que, uma vez por semana, encontramos-nos na UNIRIO, antes de nos dirigirmos à prisão, onde realizamos leituras, vemos filmes, debatemos e treinamos-nos como oficinairos. São leituras diversas que dialogam com o universo específico carcerário e que nos servem de suporte para o pensamento e a ação no espaço prisional.

### *Pré-Desenvolvimento da Voz*

A *Voz*, desde sua transferência do Centro do Rio para a periferia, sofreu um forte impacto. Demoliram sua autonomia onde nós já havíamos conquistado junto ao espaço arquitetônico do auditório Meira Lima do antigo prédio que assegurava, acolhia e propiciava uma experiência da poética do efêmero. A voz que aos poucos pé-por-pé e pé-por-si conquista seu espaço quando da defesa de doutorado: um processo onde um texto entre outros textos de dramaturgos nacionais e internacionais como Plínio Marcos, William Shakespeare e Hilda Hilst foram apresentados como alternativas como ponto de partida rumo a encenação. Depois de leituras e improvisações, bem como, a instauração de uma tribuna onde a voz de cada um é garantida para expor opiniões o texto escolhido foi *O Verdugo*, de Hilda Hilst. Nesse processo que se iniciou em 2003 atuei como facilitador dentro do corpo dos atuantes detentos. Eu era

como um anticorpo para nutrir o grupo de indivíduos rumo a ação e a professora Maria de Lourdes assegura o jogo com o olhar de fora. Então eram dois olhares que viam e coexistiam numa relação de dentro e fora para cartografar as necessidades do grupo. Dessa forma minha atuação como ator-social como a professora mesmo me denominou era de induzi-los até certo ponto sem perder de vista o intuito de provocá-los no sentido de que eles descubram e se descubram no fazer teatral, isto é, na experiência poética do espaço. O trabalho era desenvolvido através de oficinas com métodos que se cruzavam e se resignificavam durante as oficinas: o Boal (1996) não mais era Boal, Ryngaert (1998) não mais era Ryngaert, o mesmo ocorreu com Viola (1992), Ingrid Koudela (1999) era em outra coisa que se transformava, uma releitura metodológica para a criação de numa espécie de não-método. Assim o foco das oficinas era o corpo, a voz, a música e improvisações com a finalidade de apresentarmos um espetáculo. Mas, o espetáculo nunca foi à tônica da equipe, embora fosse também uma de nossas preocupações e, sim, o processo desenvolvido com muita paciência e amor.

#### *Da Terceira Voz e do Espaço*

Quando me perguntam o que é a Terceira Voz da Penitenciária Lemos Brito, sei informar diretamente sobre o pronome do caso reto – a terceira pessoa do singular (ela) e/ou do plural (elas). O que querem falar, de fato, rumo a um lugar a que nunca se chega totalmente. Ela atravessa espaços – é a voz dos condenados, dos excluídos, dos marginais, do silêncio. Após a transferência do prédio demolido foi-se também a o seu significante – o Auditório Meira Lima. Havia anteriormente uma proteção e uma garantia de celas individuais. As dimensões intersubjetivas e externas são destruídas numa relação de espelho com a vida oscilante entre experiência e destruição por interesses políticos. Humilha-se não só o espaço não existente segundo uma construção efêmera de Marcos Bulhões (2004) como também um grupo de indivíduos com história, memória, afetos, desejos de busca por um significado – *Quero Uma Chance* –, é o grupo teatral que apresentou o espetáculo *O Verdugo*, em 2005. É um grupo formado pelos detentos antes mesmo da existência do projeto na unidade Lemos Brito e que encontrou, na parceria com a UNIRIO, a possibilidade de aprofundamento com a linguagem teatral. Do espaço não sobrou nada. Alguns sobreviventes. Os “capitães de areia” se dispersaram ou foram encaminhados para outras unidades por determinação de forças “superiores” que regem as facções inimigas e que o Estado, para evitar confrontos, decide desmembrar. Ruínas de concretos, ferros e de seres humanos: restos. O que sobra é talvez o nada, abismo ao ressentimento, niilismo assustador se não fosse a garantia da existência de outros espaços que possibilitam outras atividades dentro do sistema e, dessa forma, ocupando o vazio da mente. Se não fosse o exercício constante resistente da equipe do Teatro na Prisão que não se cala, enfrenta, articula-se estrategicamente por de dentro do sistema para transformá-lo, flexibiliza e dá passos atrás quando necessário diante da autoridade que beira a tirania para manter um *status quo* vicioso aos senhores dos palácios. Trata-se de duas articulações organizadas. De um lado o Teatro na Prisão e do outro o Estado que

castiga segundo a visão histórica de Michel Foucault (1997) outorgada e sancionada pelo código penal e pela lei maior – a Constituição. Paradoxo, pois não é o que se vê no real do que se lê no papel princípios bem definidos – utopia – que pretende formar um país ou, quem sabe, um mundo mais justo e igual para todos. Realidade que não se concretiza. Ora, os homens não são de papel e muito menos a palavra. A palavra não é de papel; no entanto, ela é perceptível pela razão, pelo entendimento, pela imaginação e sensibilidade de que a cruel realidade desses marginais, em síntese, significa, em última análise, que a voz não passa de burburinhos que não vão além da lama. O que é absolutamente um engodo para esse sistema perverso, terrível, monstruoso e desumano da lógica hegemônica capitalista.

#### *O Escutar como Caminho para Dramaturgia*

É preciso escutar. É isso o que quero fazer como exercício para o devir-drama da voz do grupo *Quero Uma Chance*. Não estou neutro, mas exerço uma neutralidade que é uma região de forças, de pulsões para o devir de sua escrita dramaturgica e cênica. Opto por escutar e provocar caminhos para a imersão e emersão vocal e social através da arte. Só dessa forma, a voz pode reencontrar o espaço perdido nesta oscilante via entre o real e o ficcional e retornar a Ser, Revelar e Demonstrar, isto é, Mostrar os monstros que existem não somente neles, mas sobretudo em todos nós, preocupados com a busca e a compreensão do crime e da natureza do mal.

#### *Outras Vozes*

Outras vozes erguem-se solidárias aos miseráveis e é aqui talvez que se inicia um fio cognitivo – Não à apologia ao Crime e Sim à apologia à Vida – mesmo que se depare com o paradoxo de que alguns matam para viver, enquanto que viver é uma afirmação indelével ao ser humano. Desconfio desse paradoxo que, perversamente é uma máscara do sistema, é um vício. Talvez vícios possam ser transformados em atitudes positivas quando encontram parceiros de luzes. Essas luzes, ou, essas vozes também vivenciaram um período turbulento de holocaustos da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, numa relação de experiência e destruição análoga, embora em graus diferentes aos dos detentos correlacionando o crime e o castigo, mas que na arte foi e, talvez, seja o lugar do possível, lugar efêmero e constante para o ensino e a aprendizagem, numa relação tempo-espaço – *continuum* – segundo Marcos Bulhões (2004). George Grosz, Erwin Piscator e Bertolt Brecht (1979), Koudela (1984), Michel Foucault (1997), Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1999) são pensadores que, como se fossem rios subterrâneos, funcionarão como magma potente da afirmação da vida, fornecendo os conceitos de que precisaremos para a análise da terceira voz. Conceitos como panóptico, estranhamento, singularidade, modelização, corpos sem órgãos que balizarão a escrita do “Grupo Querem Uma Chance”. A Terceira voz é principalmente a voz deles, em diálogo com a vozes solidárias. Através da arte o detento poderá ressignificar sua trajetória num retorno de repetir-se, recordar-se e elaborar-se simbolicamente sua própria trajetória de vida ao dialogar, na ficção, suas questões do real.

## Conclusão

Esse experimento na arte significa a criação da própria proteção, pois nela a voz é assegurada, ganha autonomia neste tempo oscilante entre real e ficção, memória e esquecimento. A análise dessa trajetória até chegar à unidade sujeito/objeto constitui o objetivo final do Teatro na Prisão. Atravessar o caminho necessário significa encontrar, em si mesmo, valores, propósitos, princípios, muita coragem e o desejo de ultrapassar todas as contradições que impedem de chegar a algum lugar possível ou a que nunca se chega totalmente. O que ocorre é que devem ser atravessados e percorridos todos os caminhos até que se encontre algum sentido, ainda que absurdo seja para que a voz declare a quebra do silêncio e descubra a liberdade da incoerência humana.

## BIBLIOGRAFIA

- BADIOU, Alain. *Deleuze: clamor do ser*. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.
- BOAL, Augusto. *Arco iris do desejo: o método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.
- \_\_\_ *Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Tradução de Urbano Tavares Rodrigues. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Coordenação da tradução Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.
- FOUCAULT, Michel, 1926-1984. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GROSZ, George, PISCATOR, Erwin, BRECHT, Bertolt. *Arte y sociedad*. Buenos Aires: Ediciones Caldén, 1979.
- MARTINS, Marcos Bulhões. *Encenação em jogo: experimento e aprendizagem e criação do teatro*. São Paulo: Hucietec, 2004.
- KOUDELA, Ingrid D. *Texto e jogo: uma didática brechtiana*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- \_\_\_ *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- ROCHA, Maria de Lourdes Naylor. *Teatro na prisão: a dramaturgia da prisão em cena*. Tese de Doutorado. PPGT em Teatro, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. *Ler o teatro contemporâneo*. Tradução Andréia Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SPOLIM, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.